

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

As Variações de Hong Sang-soo

15 e 20 de Janeiro de 2020

## GANGBYEON HOTEL / 2018

“Hotel à Beira-Rio”

*um filme de Hong Sang-soo*

**Realização e Argumento:** Hong Sang-soo / **Fotografia:** Kim Hyung-ku / **Montagem:** Son Yeon-ji / **Som:** Kim Mir / **Música:** Dalpalan / **Interpretação:** Gi Ju-bong (Young-Hwan), Kim Min-hee (Sang-hee), Song Seon-mi (Yeonju), Kwon Hae-hyo (Kyung-soo, filho mais velho), Yoo Joon-Sang (Byung-soo, filho mais novo), Park Ran (Yoo-jung).

**Produção:** Jeonwonsa Film Company (República da Coreia, 2018) / **Director de Produção:** Jo Heeyoung / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 96 minutos / **Título internacional:** Hotel by the River / **Primeira apresentação pública:** 9 de Agosto de 2018, Festival de Locarno / **Estreia comercial:** 15 de Fevereiro de 2019, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

---

“A neve caiu para nós. Quando a neve cai há uma razão.”

(dos diálogos de **Gangbyeon Hotel**)

Começamos por uma imagem. A imagem das duas amigas, duas silhuetas a negro no meio da extrema brancura da neve. Imagem belíssima, cuja poesia se deve não apenas a tão mágico fenómeno meteorológico, como ao modo como o cineasta orchestra toda a situação, convidando o próprio protagonista do filme, um velho poeta que as observa ao longe, a ir ao encontro das duas raparigas para lhes agradecer tão extraordinária visão. Uma imagem que a cada um apelará necessariamente outras imagens e que poderá ser vista como uma metonímia de “**Hotel à Beira-Rio**”/**Gangbyeon Hotel**, o mais recente filme de Hong Sang-soo, um assumido conto de Inverno que parte de memórias do cineasta com o seu pai, cujas cores são reduzidas ao preto e branco, como acontecia com os anteriores **O Dia Seguinte** e **Grass**.

O protagonista desse gesto e deste filme crepuscular é Gi Ju-bong, que interpreta o poeta já idoso que pressente a proximidade da morte, nesta que é uma das obras mais graves de Hong Sang-soo, que todavia revela um certo apaziguamento. Se a morte se insinua quase desde os primeiros planos de **Gangbyeon Hotel** – mesmo sabendo que com Hong Sang-soo todas as possibilidades se mantêm em aberto até ao fim –, trata-se de um filme extremamente cristalino, que nos oferece uma das mais justas personagens masculinas do seu cinema. Personagem rara, “mais velha” e “mais digna” que os habituais protagonistas dos seus filmes, termos que o próprio cineasta usou para descrever o protagonista de **O Dia Seguinte** (interpretado por Kwon Hae-hyo, aqui o filho mais velho do poeta).

Envolto numa atmosfera melancólica e num estado de sonolência profunda, **Gangbyeon Hotel** desenvolve-se em dois eixos narrativos que correspondem a duas histórias que ecoam uma sobre a outra e se cruzam muito sumariamente: a de um distante trio familiar, cujo vértice é este poeta que convoca os dois filhos já adultos para o visitar no hotel à beira-rio em que se instalara; e a de uma rapariga que chama uma amiga para a consolar do seu desgosto de amor. Os rostos são nossos conhecidos, e mais uma vez a rapariga que aqui se refugia é Kim Min-hee, a musa dos últimos filmes de Hong Sang-soo, que já em **Bamui Haebyun-Eoseo Honja / Na Praia à Noite Sozinha** vivia o luto de uma outra relação.

Surpreendem-nos duas coisas de entrada: um genérico lido em voz alta, em que se anuncia o vertiginoso ritmo de trabalho (que depois deste filme viria a abrandar), e a quebra de uma “tradição”. Habitados à câmara fixa de Hong-Sang soo, é com alguma surpresa que acompanhamos um filme inteiramente rodado com câmara à mão, em que a mobilidade da câmara contribuirá certamente para uma aceleração das filmagens, e tal é bem visível nos longos planos-sequência do final, em que a câmara circula entre as várias personagens, enquadrando-as conjunta ou individualmente, deslocando-se mesmo entre as duas mesas do restaurante.

À concentração espacial do filme – o hotel e o restaurante nas suas imediações – corresponde a concentração temporal, uma vez que **Gangbyeon Hotel** desenvolve-se ao longo de cerca de vinte e quatro horas em que se organizam as conversas entre as cinco personagens unidas pela presença do poeta (é curioso como os dois filhos e as duas raparigas, na sua simetria, nunca se cruzam verdadeiramente). Tal concentração espelha o fechamento habitual das personagens sobre si próprias e os seus estados de alma, num filme que se revela extremamente linear, pois embora **Gangbyeon Hotel** convoque histórias paralelas e as duas personagens femininas passem muito tempo a dormir, é parco nos desorientantes sonhos e *flashbacks* que permeiam a obra do cineasta coreano.

Mesmo predominando a auto-reflexividade (Byung-soo, o filho mais novo, é novamente um cineasta) e um tom grave, há momentos com muito humor, como aquele em que o poeta oferece dois peluches aos filhos, que rapidamente se transmuta numa das sequências mais impregnadas de espiritualidade de **Gangbyeon Hotel**, em que o sagrado (ou a poesia) se inscreve numa conversa “aparentemente banal”. Pairando sobre outros filmes do cineasta, a força emanada pela discreta presença de Kim Min-hee, rivaliza aqui com a força da paisagem gelada e com a transparência das palavras de Gi Ju-bong: “De que têm medo?” Pergunta ele aos seus filhos. “Não tenho medo da morte, dou-lhe as boas-vindas. Desde que as duas estejam aqui.” Confessará pouco depois às duas raparigas, enquanto bebem soju.

Eis uma última imagem (\*Matsuo Bashô, *in O Eremita Viajante*):

### **INVERNO**

262. *Toda a noite caiu neve em Fukagawa.*

cai neve pela noite dentro

bebo vinho

mas o sono continua longe

Joana Ascensão